

ENSINO DA ARTE: CULTURA VISUAL, COTIDIANO ESCOLAR E TRÂNSITOS DAS IMAGENS

Leandro de Souza Silva

RESUMO

O Ensino da Arte, e nesta, as proposições de estudo e reflexão por meio da Cultura Visual, postulam neste texto a relação entre as imagens cotidianas ou não, bem como seus usos e aplicações em aula. Tal relação pode ser mais constante e muitas vezes mais intensa que tantas outras interações realizadas com o que é instituído tradicionalmente como “obra de arte”. Portanto, os objetos de análise neste texto são as criações visuais em aulas de Arte, bem como as imagens que circulam nestas aulas.

Em um mundo dominado por dispositivos visuais e tecnologias da representação (as artes visuais atuam como tais), nossa finalidade educativa deveria ser a de facilitar experiências reflexivas críticas. Experiências que permitam aos estudantes, como aponta Nancy Pauly (2003), terem a compreensão de como as imagens influem em seus pensamentos, em suas ações e sentimentos, bem como a refletir sobre suas identidades e contextos sócio-econômicos. (HERNÁNDEZ, 2007, p. 25)

Imagens visuais podem admitir uma diversidade de motivações, quando consideramos suas qualidades, contextos e os repertórios de quem as produziu e de quem as vê. A fatura polissêmica pode estabelecer diálogos entre espectador, artista, obra e com a própria vida, num fluxo contínuo e instigante, revelando a abrangência e potência simbólica do universo imagético. Pensar as imagens hoje é deparar-se com sua proliferação veloz, aguda e voraz frente à intensidade, na mesma medida, que são produzidas e consumidas. A fluidez das imagens nos cotidianos, perpassa muitas áreas de conhecimento, e além de inspirar olhares sobre o mundo, estimula leituras autônomas e questionadoras, e por isso, o Ensino da Arte é constantemente desafiado e relevante no contexto da Educação, pois deve criar um ambiente crítico e de reflexão frente à predominância imagética contemporânea.

A presença das imagens nos cotidianos é constante, intensa e volumosa. São objetos de interesse comum e também objetos de conhecimento, assim, compreendemos que as imagens mediarão diversas produções culturais (MARTINS E TOURINHO, 2012).

A cultura contemporânea é, em muitos aspectos, uma cultura da imagem. E a cultura midiática é o âmbito em que as imagens ganham hoje maior efetividade, de modo que estes dois domínios merecem ser pensados conjuntamente. Entre eles, a temática da visibilidade emerge com destaque na medida em que, num mundo incessantemente mediado por imagens, a visibilidade torna-se um valor que atesta legitimidade, dignidade e autenticidade às experiências. (MÉDOLA, ARAÚJO, BRUNO, 2007, p. 13)

Seja qual for a mídia, a forma como as pessoas lidam e interagem com as imagens é, em

muitos casos, altamente significativa na revelação do pertencimento identitário dos seus produtores e fruidores. As propostas da área de estudo da Cultura Visual postulam que a relação com as imagens visuais, seus usos e aplicações são mormente mais constantes e muitas vezes mais intensas que muitas interações realizadas com imagens consideradas instituídas como “obras de arte”.

Os discursos da publicidade, do consumo e da política, por exemplo, são atravessados pelas imagens e convergem subjetividades, estereótipos e representações, fortalecendo-os. O que a ciência e o dinheiro disponibilizam à vida cotidiana, em suas narrativas dominantes, encontram na nova tecnologia da imagem, como o cinema, por exemplo, uma renovação da sensibilidade e da percepção visual, e formas de resistência à racionalização e do senso comum administrado pela mídia. Ou seja, poderia provocar a libertação do olhar ou mesmo revelar, descobrir ou recuperar algo perdido (XAVIER apud MÉDOLA, ARAÚJO, BRUNO, 2007, p. 20-23).



Figura 1 - Frame de Vídeo sobre o formato visual de propagandas políticas. Fonte: facebook.com/hebedesign. Acervo do Autor, 2016.

A partir destes estudos, pressupondo o rompimento de fronteiras das noções do que vem a ser conteúdo visual, experimentamos o alargamento de seus meios e suportes para além dos tradicionalmente utilizados em aula. Isto inclui as publicações em redes sociais como *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*, tornando-os meios de estudo, interação e investigação, estimulando repensar a compreensão do que move a vida e motiva o uso das visualidades. As relações sociais da juventude com estas redes e como influenciam a criação visual escolar é notadamente território focal das considerações feitas neste texto.

De tal modo e significativa é a participação da imagem na vida contemporânea, sobretudo a urbana que pode-se afirmar que “[...] o passado importa pouco, o futuro chega rápido e o presente é onipresente” (SANTAELLA; LEMOS, 2010, p. 61).

Móveis, fluidas e ágeis, as imagens veiculadas nas redes sociais, sites, blogs, etc., algumas comumente acompanhadas de textos ou frases bem-humoradas, irônicas ou agressivas, e consideradas legítimas no contexto das aulas de arte, concederiam leveza e humor aos encontros, na

mesma medida que, por se tratar de algo tão difundido atualmente, faz inevitável o encontro cotidiano de estudantes e docentes e assim como contribui efetivamente com outras possibilidades pedagógicas, nem sempre extra classe¹, no processo de formação crítica que se pode desenvolver.

Os repertórios das mídias e seus suportes de trânsito, assim como a sua alta exposição exigem cada vez mais estarem presentes e serem considerados como parte do programa de ensino da Arte e, portanto, utilizados como material de aula, na articulação dos saberes e reflexões críticas exigidas pela formação escolar atualizada.

A agudez das imagens nos diversos meios tecnológicos, seduzem por meio de sua precisão e encantamentos criados pela manipulação digital. Embora não seja a questão deste trabalho discutir todas as possibilidades de criação disponíveis hoje pelas ferramentas digitais, escolhemos pensar sua complexidade, presença e sua participação na vida atual. Ou seja, tanto os aparelhos tecnológicos, com destaque à popularização fotografia pelas câmeras de celulares, quanto os recursos constantemente inventados, ampliam e abastecem a paisagem estética da atualidade de outras formas de criar imagens, povoando cotidianos de imagens que convergem infinitas possibilidades e recriam outros espaços para experimentação visual.



Figura 2 - Autorretrato criado por João, aluno do 5o ano (CPII), 2016, em diálogo com as imagens e músicas do cantor Paulinho Moska.

¹ Os tablets, celulares, etc são inseparáveis dos corpos e portanto, admitidos ou não pelos professores, convivem e participam, clandestinamente ou não, das atividades da classe.

[...] linguagens tidas como espaciais – imagens, diagramas, fotos – fluidificam-se nas enxurradas e circunvoluções dos fluxos [...] Textos, imagem e som já não são o que costumavam ser. Deslizam uns para os outros, sobrepõem-se, complementam-se, confraternizam-se, unem-se, separam-se e entrecruzam-se. Tornaram-se leves, perambulantes. Perderam a estabilidade que a força de gravidade dos suportes fixos lhes emprestava. Viraram aparições, presenças fugidias que emergem e desaparecem ao toque delicado da pontinha do dedo em minúsculas teclas. Voam pelos ares a velocidades que competem com a luz (SANTAELLA, 2007, p. 24).

O repertório de saberes de estudantes faz a escola tanto ou mais que os conteúdos programáticos das disciplinas. Suas vivências, experiências e ideias são carregadas de imagens, textos e sons. E por esta razão, é, sob muitos aspectos, exigido das/dos educadoras/es disposição e abertura para a relevância destes conhecimentos, do mesmo modo que convém observar que o fluxo de imagens nas culturas juvenis inclui tecnologias atualizadas, com as quais lidam facilmente, enredados que podem não ser acolhido pelo currículo tradicional. Dias (2011, p. 62) afirma que a “educação da cultura visual situa questões, institui problemas e visualiza possibilidades para a educação em geral”.

A cultura visual, como o termo sugere, entende que as interpretações visuais têm uma cultura, as quais afetam tanto o processo de produção como o de recepção. As imagens são construídas a partir de um repertório cultural, forjado no passado, e que, no presente, fixam e disseminam modos de compreender historicamente construídos. (NASCIMENTO, 2006)

A concepção de trabalho pela educação da cultura visual surge no Brasil no século XIX, evidenciando que as múltiplas representações visuais do cotidiano podem estimular produção, apreciação e crítica das artes, desenvolvendo cognição, imaginação e consciência social (DIAS, 2011, p. 54). A participação do Ensino da Arte na Educação formal deve criar situações favoráveis à elaboração e modificação dos conteúdos predefinidos. Neste sentido, os estudos de Cultura Visual colabora que seus relevos estejam presentes e favoráveis à recontextualização das imagens visuais, ao diálogo crítico e fruição para além dos preconceitos, na modificação de sentidos *a priori*, assim como na consideração produtiva às invenções e propostas visuais das/dos estudantes (MIRANDA, 2012). Da negociação e reposicionamento pedagógico, do ensino de arte pela cultura visual, reside o cerne das discussões aqui levantadas.

A todo o momento, novas formas de comunicação avançam na mesma velocidade em que a liquidez das relações interpessoais se revelam e ganham novos contornos e com elas novas informações, por meio de imagens e/ou textos, chegam a todos nós revelando o desenfreado e emaranhado de imagens visuais e demais informações no qual interagimos e vivemos. Frente a esses fluxos, impõe-se uma mudança nas formas de orientar e mediar os conteúdos curriculares em sala de aula.

É possível aproximar o diálogo da prática com as proposições apresentadas em aula e nesta trilha, inevitavelmente experienciar/enfrentar os percalços já esperados no cotidiano escolar. Neste sentido é importante ressaltar que todos temos nossos repertórios que se entrecruzam e nessa perspectiva rizomática² não cabe a hierarquização de saberes ou valores.

As trocas experimentadas no contexto da sala de aula e em todo o espaço de convivência escolar são diversas e, em seus relevos, interferem nas descobertas de todos os envolvidos nos processos pedagógicos. Embora, seja importante dizer que o que se vive na escola não se restringe ao acadêmico e pedagógico. As relações ali são antes de tudo, relações humanas. A noção de alteridade pode ser contemplada nos postulados que evidenciam e colocam em foco a existência do outro e de suas subjetividades, propõe por meio de afirmações verbais e corporais um encontro destas subjetividades. Portanto, compreendemos que a experiência de criação em Artes Visuais pode estar mergulhada em afetos, repertórios entrecruzados e em ações e poéticas autorais.



Figura 3 - Fotografia de João, 5o ano (CPII), 2016, inspirada na leitura de poemas de Manoel de Barros.

² Rizoma – sm. Bot. Caule, ger. subterrâneo, que cresce e se ramifica semelhantemente a uma raiz. Em Arte, entende-se, segundo Raimundo Martins (2011), como interligações quase que orgânicas entre os elementos e objetos artísticos ou não.

[...] um corpo afeta outros corpos, ou é afetado por outros corpos: é este poder de afetar e de ser afetado que define um corpo na sua individualidade. (DELEUZE, 2002, p.128).

Desse modo, a formação cidadã a que se propõe o Ensino da Arte assume um caráter crítico e ativo, consistente e consciente de suas relações, consigo mesmo e com o mundo, apto para criar e ler imagens, por mais complexas que sejam, mas que não se torne refém delas, mas seja capaz de estabelecer diálogos e de construir seu próprio texto visual.

Arte e as demais áreas de conhecimento, podem atuar de modo interdisciplinar, multidisciplinar e intercultural, relacionando os saberes e diálogos entre suas especificidades no contexto da Educação, mas acima de tudo, com a vida cotidiana.

Assim, seria necessário destacar mais uma vez que as imagens fazem parte do universo da produção cultural e do desenvolvimento simbólico humano por meios diversos como TV, jornal, cinema, *Internet*, objetos artísticos dentre tantos outros que propagam ideias, valores, padrões comportamentais e estilos de vida, e por fim, determinando identidades. Para Maffesoli (2012, p. 29), as imagens antecedem as palavras prenunciando um futuro, e sua relevância no processo educacional se dá no fato de serem produto e objeto das culturas. Inseridas no cotidiano (escolar ou não), as imagens apresentam-se nos tempos e espaços da vivência humana, construindo e representando percepções.

A palavra e seus efeitos tem a força de descrever o que o olho poderia ver, expressar o que jamais verá, obscurecer ou esclarecer uma ideia. As imagens, formas visíveis, fazem proposições, convites que podem vir a ser compreendidas. Embora não sejam exclusivas ao visível, as imagens também são colocadas em relação com o dizível, mas, a palavra dita pode exibir uma visibilidade capaz de cegar (RANCIÈRE, 2012, p. 15, 16). Para tanto, sirvo-me de um breve relato de experiência pedagógica para sustentação deste pensamento na qual a criação fotográfica proposta a uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental do Colégio Pedro II (*Campus São Cristóvão I*), a partir de poemas de Manoel de Barros, propunha conversas entre texto e imagem, bem como abrir mão de qualquer tentativa de tradução ou forma literal de expressão.

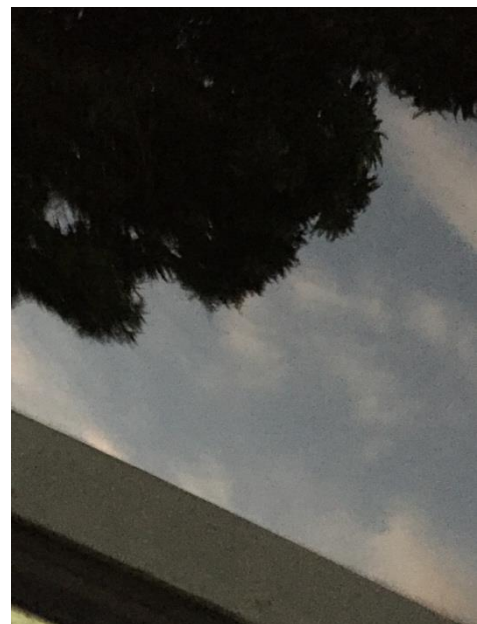


Figura 4 - Fotografia de Isabella e Raissa (CPII), 2016.

Por esta razão, cabe nestes tempos, assumir uma pedagogia que se posicione criticamente ao invés de uma postura acrítica e meramente reprodutiva. No que diz respeito às visualidades, podemos percebê-las como objetos de conhecimento e na mesma medida, produtoras e mediadoras culturais. Portanto, é preciso discutir e pensar sobre as imagens, mas diante delas, não se deixar furtrar do que as palavras talvez não sejam hábeis em provocar.

As imagens são a matéria-prima do processo de compreensão dos elementos da visualidade que compõem o mundo, bem como sua participação na construção dos abrigos identitários, desvelando percursos novos para o entendimento da vida individual e coletiva, do passado, presente e futuro, e abusar desse uso possibilita um campo ainda mais ampliado para a compreensão das práticas educativas em suas relações com as culturas de jovens estudantes e a apropriação desses últimos nos conteúdos oficiais.

Aludo às ressignificações incansáveis que são capazes

de fazer, por exemplo, os *memes* de *Internet* e obviamente, suas criações visuais em aula. Ininterruptas e prazerosas.

Tais criações, ao adquirirem formas e cores dispostas e organizadas por mãos de estudantes que se aventuraram neste universo, seriam fruto de interações dedicadas e diálogos francos. Superando as resistências iniciais de estudantes ou na ideia ultrapassada de que a disciplina Arte não “reprova”, é um campo de estudo que reserva surpresas ao longo do período letivo, e nestes, conquistas são observáveis. Dentre os êxitos elencáveis e destacáveis, pode-se apontar pré-conceitos derrubados e horizontes de saberes alargados, repertórios ampliados e interesses despertados. Encontro após encontro, discutimos questões que temos consciência de que não possuem uma única resposta ou possam ser reduzidas ao julgamento de certas ou erradas, como conceituar arte e sua “utilidade” na vida, por exemplo.

A Arte, no contexto da Educação, propõe atravessar caminhos em que se desenvolvam situações pedagógicas que sejam capazes de estabelecer relações, elaborar e modificar os conteúdos educacionais. A cultura visual pode ser um ponto de partida, no qual as imagens são recontextualizadas, repensadas plasticamente e modificadas criticamente em seus primeiros significados.

Ou seja, o que chamamos de arte, atravessa a própria vida e os meios visuais que nela se apresentam, numa inegável influência que ecoa na reconceitualização do ‘sentido da arte’, pensando-



Figura 5 - Acervo do autor. Fonte: facebook.com

a como presença e não mais como representação. ‘Saber a matéria’ ou determinado conteúdo, não dá conta dos interesses de quem vai à Escola. O/a professor/a interessado/a em educação, e que deseje interpretar e responder aos afetos que tocam as subjetividades de estudantes, deve se apropriar e mover-se entre outros saberes e maneiras de interpretar a realidade, de modo que superem o engessamento da estrutura disciplinar tradicional (HERNÁNDEZ, 2007, p. 35).

É praticamente inevitável relacionarmos fenômenos imagéticos ou culturas das imagens à arte e à educação. Mais especificamente, partimos do princípio de que imagens são agentes de socialização ou, dizendo de outra maneira, agentes sociais da educação. (MARTINS; TOURINHO, 2012, p.10)

As visualidades, enquanto formas culturais de ver e apreender as imagens, incidem certa influência sobre estudantes, de modo que forjam traços identitários e participam de sua formação. Inclusive, muitas imagens que circulam em aula, são apresentadas por estudantes, e nos possibilitam criar relações com o que está em discussão. Certamente, qualquer controle desse fluxo não será completo, mas incluímos no corpo do texto essas impressões na busca por mais conexões e percepções de como o conhecimento pode ser estruturado e como está desenvolvendo.

A educação articula a produção de conhecimentos como ação inerente a vida, sempre dinâmica e significativa, tal entendimento conduz à compreensão mais produtiva do mundo em seus cotidianos. Faz-se então necessário discutir as ações pedagógicas constantemente e diante das demandas da contemporaneidade, é exigido (e necessário) mais que nunca refletir constantemente sobre as práticas educativas em todas as áreas.

O ensino de Artes Visuais parece pertinente à formação humana quando torna possível a mediação de leituras e criações visuais, quando estimula a postura crítica, e quando valoriza as interações entre as realidades do mundo, suas diferentes culturas e seus cotidianos. Embora esteja em risco atualmente, sobretudo no Ensino Médio, por meio do PL 6840/2013 e que por Medida Provisória nº 746/2016³, altera a lei 9394/96⁴ que torna a disciplina obrigatória no Ensino Básico, cabe lembrar que a arte está na base da construção de qualquer sociedade, e por isso sua alta relevância no contexto educacional. Seu ensino tem como referência às suas práticas, procedimentos oriundos de certos momentos da história da educação nos quais foi possível tentar atender às demandas curriculares de cada período⁵. Inclusive já recebeu diferentes nomenclaturas através dos tempos,

³ Publicada no Diário Oficial da União, edição extra nº 184-A, em 23 de setembro de 2016.

⁴ Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996:

§ 2o. O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.

⁵ O Movimento das Escolinhas de Arte, difundido em 1971 no Brasil e a criação dos cursos de arte-educação nas universidades, por exemplo.

como Educação Artística, arte-educação, ensino de artes, arte educação multicultural (DIAS, 2011, p. 52), os quais se reportavam às práticas e posturas pedagógicas diversas reelaboradas em função dos partidos teóricos que dominaram a Educação e respaldavam as suas políticas.

Dentre tantos problemas que desafiam a educação, e nesta o Ensino da Arte, além das questões afetas a professoras/es e suas formações, o que mais interessa neste texto é propor reflexões que ajudem a criar e consolidar meios de intercâmbio com estudantes de modo a que conquistem nos seus processos de formação, tudo de positivo e promissor que é oferecido pela diversidade cultural e atuantes fundamentais no fortalecimento das subjetividades e laços coletivos presentes na educação pela cultura visual.

No espaço educacional, podemos escapar de leituras ou interpretações que redundem em mera crítica às práticas do passado e compreender que as concepções didáticas e pedagógicas estão em relação com a complexidade de fatores que dão cor e forma ao acontecimento das aulas. A percepção que temos de nosso redor e da nossa relação interna e externa com o que nos afeta, sempre estará além das possibilidades de mapeamentos das experiências registradas neste texto. Todos os caminhos em busca da compreensão deste ou daquele elemento ou acontecimento levará a alguma conquista de saber, nunca decisivo, nunca conclusivo, mas sempre útil. São caminhos que partem de diferentes pontos de vista, levando a uma nova tomada de consciência de si e do mundo.

Os repertórios pessoais das/dos estudantes, embora articulados e codificados, são configuráveis visualmente e, embora anteriormente não percebidos, podem ser vistos e compreendidos como evocação às realidades particulares e significativas nas suas vidas, como por exemplo, as imagens afetivas observáveis em suas fotografias, grafismos de seus cadernos, criações nas aulas de arte, desenhos diversos, assim como seus corpos e gestuais tão vibrantes.

No mundo contemporâneo as visualidades agem, para o bem e para o mal, como poderosos elementos articuladores das relações sociais. Fluem de forma intensa nos mais diversos contextos culturais e sociais e desse modo marca pertencimentos e trânsitos identitários. Neste sentido, destacado o papel da imagem na vida cotidiana e seu estudo, ou o estudo das artes visuais, ganham força.

A sua proliferação é tão intensa que estudá-la em sua absurda quantidade e variedade exige amplitude cada vez maior para discussões e interrelações a serem pensadas e construídas, alargando os limites de análise para o contexto a qual pertencem no sentido em que ressignificam o mundo com uma gramática visual, embora cada vez mais complexa, legível é p o t e n c i a l m e n t e comunicativa no seu espaçotempo específico. A imagem enquanto objeto de estudo não se restringe aos limites do mundo das Artes Visuais e das suas narrativas dominantes, abrange a publicidade e

suas campanhas, moda, sites e blogs, programas de TV, cinema, jornais e revistas, corpos, gestos, embalagens, publicações diversas, performances individuais e coletivas.

A experiência visual admite e implica diversas interpretações, percepções às vezes extremamente ativadas, transita entre os campos de comunicação, mídia, cultura e arte, não assumindo mais essa ou aquela representação visual ou identidade tradicional, podendo se apresentar em mídias, formas e suportes variados, fotograficamente, cinematograficamente, televisivamente, impressa, digitalizada e tantas outras possibilidades de suportes. A imagem visual é inexoravelmente multilíngua, interdisciplinar e aberta a muitas leituras, embora em cada criação e uso possa guardar fins específicos.

As imagens criadas durante as aulas de arte permitem vislumbrar o mundo presente e concreto de estudantes e que algumas vezes contrasta gravemente com o mundo instituído pelas forças disciplinares da escola oficial. Instituição que em suas imposições interdita imagens, exclui partes preciosas do imaginário e defende imagens que nem sempre são familiares ou autênticas na lógica da afetação às/aos estudantes, seja na arte, ou no cotidiano ordinário povoado por imagens nem sempre ordinárias.

Sendo assim, as condições oferecidas pelas aulas de Artes Visuais, que envolvem objetivamente tantas experiências estéticas, proporcionam deslocamentos dos olhares e dos modos de se relacionar com o mundo. Isto decorre favoravelmente em novos olhares e novas visualidades bem como histórias de vida, afetos, desejos, autorrepresentações, representações coletivas e demais aspectos vitais à formação humana que são carregados de sentidos e em constante diálogo com tudo que envolve estudantes e a escola.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano – 1.** Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

DELEUZE, Gilles. **Espinoza e a Filosofia Prática.** Tradução de Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

DIAS, Belidson. **O I/mundo da Educação em Cultura Visual.** Distrito Federal: Editora da Pós-graduação em Arte da Universidade de Brasília, 2011.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. **Pesquisa com o cotidiano.** Texto originalmente publicado na Revista Educ. Soc., Campinas, v. 28, n. 98, p. 73-95, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 5 jun. 2014.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho**. Porto Alegre: Ed. ARTMED, 2000.

_____. **Catadores da Cultura Visual**. Porto Alegre: Ed. Mediação, 2007.

_____. **Transgressão e Mudança na Educação: os projetos de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo retorna: formas elementares da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Org.). **Educação da Cultura Visual: narrativas de ensino e pesquisa**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2009.

_____. **Educação da Cultura Visual: conceitos e contextos**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2011.

_____. **Cultura das Imagens: desafios para a arte e para a educação**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2012.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Org.). **Processos e Práticas de Pesquisa em Cultura Visual e Educação**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2013.

MÉDOLA, Ana Sílvia Lopes Davi; ARAUJO, Denize Correa; BRUNO, Fernanda. **Imagem, visibilidade e cultura midiática**. Livro da XV Compós. São Paulo: Editora Sulina, 2007.

MIRANDA, Fernando. Pós-produção educativa: a possibilidade das imagens. Tradução: Danilo Clímaco. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Org.). **Culturas das Imagens: desafios para a arte e para a educação**. Santa Maria: UFSM, 2012. p.75-98.

NASCIMENTO, Erinaldo Alvez do. Texto originalmente publicado na edição nº42, julho de 2006, do Boletim Arte na Escola.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de (Org.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**. 3. ed. Petrópolis: DPA, 2008.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. **Arte, Educação e Cultura**. Santa Maria: UFSM, 2007.

RANCIÈRE, Jacques. **O destino das imagens**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

_____. **O espectador emancipado**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens Líquidas na Era da Mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007

_____; LEMOS, Renata. **Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter**. São Paulo: Paulus, 2010.